

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

greja recusa apoiar método Paulo Freire

Há trinta anos, desenvolveu-se no centro geodésico do Estado do Rio Grande do Norte, em Angicos, com 13 mil habitantes, a 150 quilômetros de Natal, a mais ousada, revolucionária e contagiante experiência de alfabetização em massa de adolescentes e adultos, de 14 a 70 anos de idade, da América Latina. Foi a aplicação do chamado "Método Paulo Freire" de Alfabetização de Adolescentes e Adultos que, em 40 horas/aulas, alfabetizou centenas de criaturas que tinham "lome da cabeça", graças ao inédito sistema pedagógico que alfabetizava e conscientizava politicamente.

O método era diferente, até então, dos já aplicados pela educação tradicional. Não havia livros nem cartilhas, mas uma série de palavras geradoras. Não havia professor. O coordenador era quem ensinava. Classe? Não existia. Os alunos eram reunidos em "círculos de cultura". E os locais? Eram colégios, salões ou locais suntuosos ou não? A resposta também é não. As "turmas" de adolescentes e adultos, os círculos de cultura, reuniam-se em qualquer lugar - debaixo de uma mangueira, na cela de uma cadeia pública, no armazém da fazenda, no alpendre de uma casa do sítio do pequeno lavrador, numa escola abandonada, sem luz elétrica, água encanada e as tradicionais instalações escolares.

As aulas eram ministradas à noite, depois do término da labuta diária dos alunos, de ambos os sexos, com os mínimos meios que dispusessem. As primeiras turmas contavam com rapazes, moças, velhos, homens e mulheres calejados pelo trabalho pesado na agricultura, na marcenaria e construção civil, etc. Eram jovens e velhos operários e camponeses de uma terra calcinada e abandonada pelos poderes públicos. Planejada em 1962 e iniciada em 18 de janeiro de 1963, os participantes da "Experiência de Angicos", executada pelo Serviço Cooperativo de Educação, da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do RN - SECERN, através do setor de Alfabetização de Adultos, viveram momentos fantásticos e conquistados em Angicos - viram mudar o falar, viram criança de 5 anos se

alfabetizar sem ser aluno e o povo pensar que o Presidente da República ainda era Getúlio Vargas.

Para que 21 estudantes universitários e secundaristas saíssem de Natal para levar os desenhos, fichas, cartilhas, projetores de eslaides, lâmpadas a querosene, baterias e outros materiais didáticos, de acordo com a realidade sociológica e o universo vocabular do município de Angicos, (80% da população vivia na zona rural) foi necessário o "estalo" na cabeça do jornalista Francisco Calazans Fernandes, natural de Marcelino Vieira - RN, jovem secretário de Educação e Cultura do Governador Aluizio Alves. Calazans queria fazer algo novo e revolucionário na administração de Aluizio, um político conservador, egresso da velha UDN, mas que se revelou, mais tarde, como o governante mais modernizador e desenvolvimentista da história do Rio Grande do Norte.

Ex-correspondente internacional do "Jornal do Brasil" e redator de revistas americanas, como a "Time", Calazans Fernandes, após o projeto piloto de Angicos, pretendia alfabetizar 100 mil norte-riograndenses, no prazo de 3 anos, com a ajuda financeira do Governo do Estado, MEC, Aliança Para o Progresso - USAID. Foram os dólares norte-americanos que financiaram a experiência das 40 horas de Angicos, sem provocar nenhuma deturpação no método criado pelo professor pernambucano Paulo Freire, da Universidade do Recife, que tinha feito uma experiência de laboratório, no Centro de Cultura Dona Olegarina, com cinco analfabetos.

Foi Calazans quem propiciou a retirada do método do laboratório para testá-lo no campo, no meio rural e urbano da terra natal do governador do Estado. O Brasil, com o Presidente João Goulart, vivia um clima de muita liberdade e efervescência política. A América Latina era um barril de pólvora. A SUDENE dava os seus primeiros passos em prol do desenvolvimento do Nordeste, região na qual discutia-se intensamente como implantar e desenvolver um método de alfabetização de adultos, em escala massiva.



Paulo Freire em Angicos

A opinião pública brasileira discutia o programa de "Reformas de Base" de Goulart. "Falava-se da necessidade de habilitar maior quantidade possível de pessoas a participar da discussão da reforma agrária, por exemplo", relembra Calazans Fernandes, que veio a ser auxiliar de Aluizio Alves após um encontro casual num aeroporto do Rio de Janeiro.

Noutro encontro casual, com um engenheiro francês, na casa de Aluizio, em Natal, Calazans conheceu um equipamento do tipo de projetor de eslaides, formato de televisor, que projetava numa tela as imagens introjetadas no aparelho. O projetor já estava usado por um educador francês no Norte da África, com tribos do Senegal, com bons resultados. "Eu imaginei que aquele equipamento pudesse ser uma boa arma de trabalho para alfabetização de adultos. Fui à Embaixada Francesa tentar conseguir esse aparelho, mas não consegui. Mas concluí que poderia fazer aquilo com monitores de áudio e vídeo. Nos defrontamos com grandes dificuldades para conseguir os aparelhos e os recursos. Tudo tinha que ter um custo/benefício baixo com resultados compensadores e um prazo relativamente curto porque as mudanças tinham que acontecer mais ou menos a curto prazo, pois, a partir de uma reunião em Bogotá, os ministros da educação da América Latina, discutiram a necessidade de uma revolução na educação. Evidentemente, que essas propostas eram interpretadas como preparação de uma revolução social na América Latina", disse Calazans Fernandes.

E nesse contexto de como fazer uma revolução social e educacional, Calazans Fernandes recebeu a dica do seu amigo Odilon Ribeiro Coutinho para procurar um obscuro professor que estava fazendo uma experiência com empregadas domésticas no subúrbio da Imbri-

beira, Recife. Era Paulo Freire, do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife.

"Odilon era compadre de Paulo Freire, mas foi preciso muita conversa para convencer Paulo a se dispor a colaborar com um projeto no Rio Grande do Norte. Nessa altura, em 1962, quando nós tínhamos um esboço do projeto, chegamos a conclusão de que a metodologia de Paulo Freire era a oportunidade adequada para o que se ia fazer e aí, antevidendo dificuldades com o Governo do Estado, por causa da situação de confronto predominante na época, escolhemos o município de Angicos, por ser o centro geodésico do Estado, o lugar mais quente do RN, onde as coisas são difíceis e por ser a terra do governador. Eu pensei: se lá der certo, dará certo no resto do Estado e do País. Até então, eu dispunha de uma idéia na cabeça, uma vontade de fazer e um professor em Recife chamado Paulo Freire que ainda não havia assumido nenhum compromisso conosco. Quando nos convencemos que o método funcionaria, procuramos conversar com Dom Eugênio Sales, que coordenava o Serviço de Assistência Rural - SAR, da Arquidiocese. Dom Eugênio não queria uma composição conosco. Queria trabalhar independentemente, não queria compromissos com o Governo do Estado. Procuramos Djalma Maranhão, que se mostrou muito simpático, mas já desenvolvia a sua campanha "De Pé no Chão" e também não quis se comprometer com a gente. Nessa altura, funcionava na Secretaria de Educação uma estrutura mole, ágil, eficiente e rápida: o Serviço Cooperativo de Educação do RN - SECERN. Foi o SECERN que executou tudo, os projetos aprovados com recursos que vinham do Banco Interamericano de Desenvolvimento - BIRD, da USAID, e da Aliança Para o Progresso, do Governo dos Estados Unidos. Djalma Maranhão

não ajudou a gente porque não via a Aliança. Paulo Freire também ficou hesitante mas acabando, foi pago com dinheiro da Aliança pela assistência que deu ao Rio Grande do Norte", aduz Calazans Fernandes, acrescentando, ainda, que o método Paulo Freire permanece atual, viável e revolucionário.

Com a idéia, o projeto na cabeça, Calazans conseguiu o "sim" de Freire, arregimentando lideranças estudantis de Natal, à frente o estudante de Direito, Marcos Guerra, parte da busca dos recursos, assina convênios, adquire os meios para iniciar a Experiência de Angicos e participa para a luta de mudar o quadro negativo da educação do Rio Grande do Norte, cuja população de 1 milhão e 200 mil pessoas, na época, tinha 80% de analfabetos.

Aulas consideravam universo vocabular

A primeira etapa para a aplicação do Método Paulo Freire, em Angicos, foi uma pesquisa que revelou o universo vocabular (de onde se obtiveram as palavras-chaves, chamadas geradoras, usadas na alfabetização dos adultos) e a realidade sócio-econômica. As aulas foram ministradas com as palavras geradoras, palavras que eram pronunciadas pelos angicanos. Por exemplo: Belota foi a primeira palavra geradora da primeira ficha que o "Coordenador monitor" usou na primeira aula, realizada depois da aplicação de Teste de Inteligência Não Verbal, de Pierre Gilles Weil.

Os coordenadores usaram métodos modernos em matéria de pedagogia e didática, dispositivos "alides", cartazes em "silkescream", álbuns seriados etc. Os estudantes-voluntários, antes de irem para Angicos, participaram de um curso, no qual Paulo Freire falou sobre "Atualidade Brasileira: uma sociedade em trânsito", na Faculdade de Direito, onde Marcos Guerra gozava de forte liderança.

Participaram da Experiência de Angicos os estudantes Carlos A. Lyra Martins, Dilma Ferreira Lima, Edilson Dias de Araújo, Giselda Gomes Salles, José Ribamar de Aguiar, Lenira Leite, Marcos José de Castro Guerra, Margarida (Margot) Magalhães, Pedro Neves Cavalcanti, Rosali Liberato, Talvani Guedes da Fonseca, Valdínez Correia Lima, Walkiria Félix da Silva, Marlene Vasconcelos, Maria do Carmo Correia Lima, Maria Madalena Freire, Evanuel Elídio da Silva, Maria Laly Carneiro, Geniberto Campos, Maria José Monteiro e Ilma Melo.

Na próxima matéria, contaremos como esses jovens deram as primeiras aulas em Angicos, empregando a palavra Belota, penduricão de rede de dormir e de arreios de selas de jumentos e como se processava a transmissão de conhecimentos, através do diálogo entre o transmissor (o monitor) e o receptor (aluno) do Método Paulo Freire.

As escolas que funcionam com quatro turnos, oferecem aos seus alunos apenas 2h e 30min de aula em vez de 4h e 30min, regulamentares.

